



# Muito além da cegonha

Questões da sexualidade humana devem ser abordadas desde cedo com crianças e jovens de forma aberta e multidisciplinar, segundo interesse e maturidade de cada um

*Por Claudemir Belintane*

**U**ma aluna de quarta série, de 11 anos, vem esbaforida procurar o coordenador: “Os meninos estão me chamando de Salete (com ê fechado, Salêti), eu não quero que eles me chamem assim, isso é palavrão”. Ao indagar os garotos sobre o motivo do estranho apelido, descobrimos o efeito de ocultamento que eles espertamente imprimiram à expressão “sai leite”, com a qual provocavam a única colega da turma que já tinha os seios crescidinhos. Por mais endiabrados que esses meninos possam parecer, há na palavra criada por eles algumas operações interessantes. Em primeiro lugar, evitaram a abordagem direta do que perceberam (“a menina tem teta, seio ou peito”); em segundo, inventaram a expressão “sai leite”; e, por fim, deram um jeito de ocultá-la em um nome próprio: “Salete”. Com isso, fizeram com que a descoberta da transformação corporal da menina ficasse mais velada e mais próxima de um chiste do que propriamente de um insulto ou ato grotescos.

É muito importante perceber pequenas sutilezas como essa ao abordar o tema da sexualidade com crianças e jovens. Mais ainda, é preciso entender que o assunto vai muito além do que tratam as costumeiras abordagens escolares ou campanhas, cujos focos estão apenas nas doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), na gravidez precoce e nas diferenças entre os aparelhos reprodutores masculino e o feminino. No caso mencionado, por exemplo, temos um conjunto de questões que mereceria estudos e pesquisas: como as crianças vêem o outro (tanto do sexo oposto como do seu) e a própria puberdade? Como os nomeiam? Como agem para enfrentar o incômodo das diferenças sexuais e das transformações abruptas no corpo?

No caso de “Salete”, as crianças assumiram a via do humor, da brincadeira, quem sabe como forma de mascarar certo estranhamento diante do inusitado dessas transformações. O que talvez elas não saibam é que estavam, naquele momento, produzindo conhecimento e que, em muitos outros momentos da vida escolar, o desejo de saber sobre o sexo se enganchará ao desejo de saber sobre a vida e o mundo. Só que essa equação não é tão exata assim, não se trata de um conhecimento objetivo, direto, em que a criança, ao apropriar-se de uma informação sobre sua origem biológica, já estaria apta a estendê-la para a compreensão da sexualidade em geral.

## APELO DE UMA ÓRFÃ

### *Freud exemplifica a angústia de uma menina sobre a origem dos bebês*

Em “O esclarecimento sexual das crianças”, artigo de 1907, Freud nos mostra o pungente caso de uma menina órfã, de 11 anos, que, depois de debater com seu irmão o mistério do nascimento, leva suas dúvidas à tia na seguinte carta:

*“Cara Tia Mali,*

*Será que a senhora poderia fazer o favor de me dizer como teve Christel e Paul? A senhora deve saber, pois é casada. Nós estávamos discutindo sobre isso ontem e queríamos saber a verdade. Não sabemos a quem mais perguntar. Quando a senhora virá a Salzburgo? Sabe, tia Mali, não conseguimos compreender como as cegonhas trazem os bebês. Trudel achava que ela os trazia numa camisa. Também queremos saber se as cegonhas apanham os bebês nos lagos, e por que nunca vimos nenhum bebê no lago. E, por favor, diga-me como é que a gente sabe de antemão quando se vai ter um bebê. Escreva-me contando tudo sobre isso.*

*Com mil beijos e abraços de todos,  
Sua sobrinha curiosa  
Lili”*

Talvez até possamos hoje fazer do apelo de Lili objeto de estudo entre os alunos do ensino fundamental I. Por que não ir aos livros e às artes procurar a resposta que tia Mali não quis dar? Quem sabe, por não ter obras interessantes à disposição, ela não conseguisse realizar sozinha a tarefa de explicar as coisas diretamente à sobrinha. Segundo Freud, a autora da carta adoeceu, “vítima da neurose” resultante “de perguntas inconscientes não respondidas”.

**MENINA COM CEGONHA** (1906/07), obra da artista alemã Paula Modersohn-Becker (1876-1907)

O ser humano, para buscar a origem de si mesmo, da vida na Terra ou da própria existência do mundo, tem de se haver com camadas e camadas de discursos construídos nas diversas culturas ao longo dos séculos. A sexualidade talvez ocupe posição central entre elas. Diante disso, é prudente pensar estratégias educacionais que não tenham a pretensão de esgotar o assunto como se este fosse um dado natural perfeitamente recortável por esta ou aquela





**OS ADOLESCENTES** são muito permeáveis ao imediatismo do consumo, algo que favorece o não pensar sobre si mesmo e o gasto inconseqüente de energia sexual

disciplina e fácil de ser incorporado pelo aluno ou utilizado nos enfrentamentos do cotidiano escolar.

Talvez pelo fato de ser um tema protegido por uma série de tabus, a educação sexual enceta com facilidade a idéia de que alguém mais velho, mais experiente, mais especializado no assunto poderia dar dicas fundamentais que funcionariam como um conjunto de preceitos normatizadores das condutas tanto infantis como adolescentes. Agitam-se, então, em torno da escola, vários tipos de especialistas e “voluntários”, sempre disponíveis aos convites para ministrar palestras e aconselhar pais, professores e alunos. Às vezes, os próprios professores desta ou daquela área assumem esse papel, como se sua disciplina fosse a mais autorizada a enfrentar tal missão salvadora.

A escola tem de ir além das posições do “especialista convidado” e da “disciplina mais adequada”. É possível abordar o tema da sexualidade dos mais diferentes pontos de vista, desde a tradicional abordagem fisiológica até a discursiva, histórica, antropológica, geográfica ou literária. Até mesmo a matemática teria motivos de sobra para abrir um tópico de estudo voltado para as diferenças de gênero (*ver quadro 1*).

Talvez a maneira menos perigosa, mais generosa e mais condizente com as ciências modernas seja



**CAMPANHAS** de educação sexual e explicações científicas não bastam; é preciso entrecruzar essas informações com os discursos e ideologias sobre a sexualidade humana

pôr de fato o tema no currículo escolar e abrir possibilidades de abordagem de forma ainda mais multidisciplinar. Substituir o personalismo do especialista ou do professor mais adequado por um conjunto de pesquisas e abordagens, a fim de bordejar o tema e ampliar suas ramificações ao longo do desenvolvimento da criança e dos ciclos escolares.

Um modo de fazer isso é elencar alguns aspectos e assumir sobre eles diversas perspectivas de abordagem e de atribuição disciplinar. Mais importante que tudo, considerar a sexualidade tema fundamental, espécie de epicentro de muitos outros. O conceito psicanalítico de sublimação é exatamente este: o processo em que a intensidade erótica desvia-se da genitalidade pura e simples para se enlaçar com o universo do conhecimento de forma ampla e criativa. O que poderia ser um objeto incômodo no psiquismo passa a nutrir pulsão erótica que dá origem a toda produção artística ou científica.

### SER SEXUADO

“É dever das escolas não evitar a menção dos assuntos sexuais”, já alertava Freud em 1907 no artigo “O esclarecimento sexual das crianças”. Segundo ele, o tema deveria ser tratado de maneira ampla. Por exemplo: os “fatos básicos da reprodução e sua significação deveriam ser incluídos nas lições sobre o reino animal, e ao mesmo tempo deveria ser enfatizado que o homem compartilha o essencial de sua

organização com os animais superiores”.

Pensemos, então, em um programa curricular hipotético para o ensino fundamental I, dado que, normalmente, crianças de 4 ou 5 anos costumam se ocupar bastante do assunto sexualidade. Nessa fase, o próprio sexo e o dos outros (do pai, da mãe, dos irmãos e mesmo dos animais) passam pelo olhar, fundando a pulsão escópica, que é mãe da curiosidade. A criança está empenhada em se afirmar como ser sexuado e tem como referências (não muito seguras) o pai, a mãe e, por extensão, os demais seres sexuados do mundo. Esse intenso foco vai aos poucos ganhando os contornos de um interesse mais amplo, sobretudo a partir dos 7 anos. É quando os contos de fada, de encantamento, as fábulas e outros textos e brincadeiras da tradição oral entram em cena e ajudam a dar substrato literário e lingüístico a tais curiosidades. Nem é preciso dissecá-los para as crianças com a intenção de expor seus conteúdos sexuais.

Nesse período de transição também estão acontecendo, muitas vezes secretamente, as chamadas hipóteses sexuais infantis sobre a própria origem ou o próprio nascimento. Caberia aqui, portanto, propiciar às crianças o contato com a literatura e mesmo com outras artes (teatro e cinema) que enfrentem essas questões. É o caso do livro *Mamãe botou um ovo*, de Babette Cole, que retoma com sutileza a difícil situação de explicar o nascimento, sem omitir detalhes, mas evitando centrar sobre eles toda a questão. As

habituais construções que as famílias e as próprias crianças formulam sobre o nascimento e o sexo constituem o ponto de partida do livro, contudo vão sendo questionadas pelas personagens infantis, que passam a formular, com texto e imagem, explicações mais realistas para as teorias sexuais.

Outro bom exemplo é o filme *Kiriku e a feiticeira*, do francês Michel Ocelot, baseado em um conto africano, que mostra o pequeno Kiriku às voltas com uma difícil missão: retirar o espinho cravado na coluna vertebral da feiticeira Karabá e descobrir por que ela é devoradora de homens. O filme estranhamente encanta crianças de 2 a 80 anos, talvez porque consiga trazer com sutileza os elementos mais essenciais e profundos da sexualidade humana.

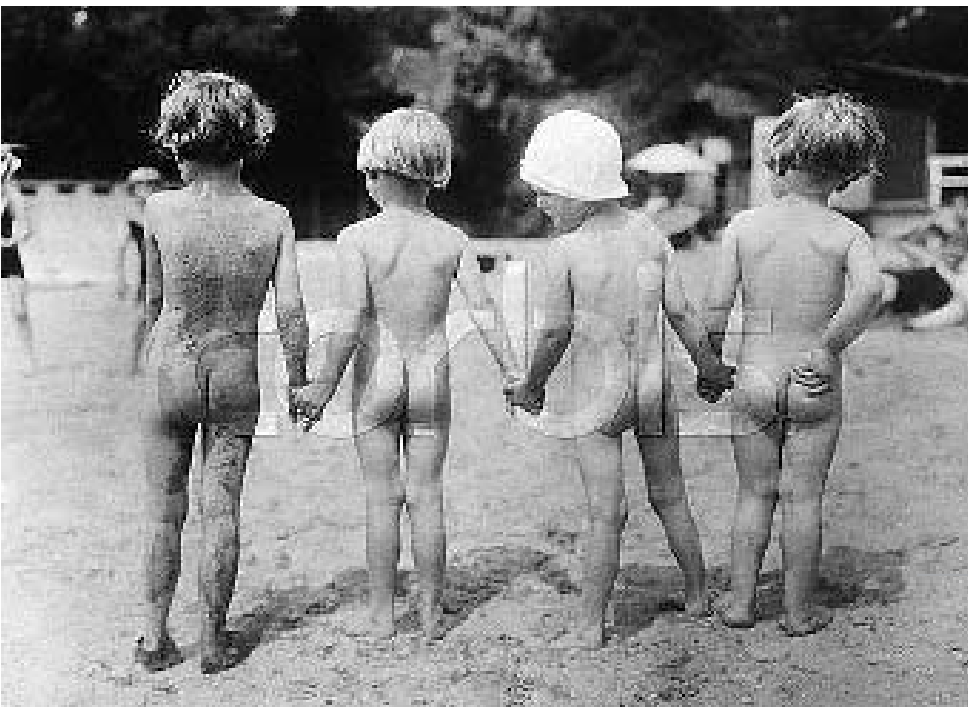
Não fica atrás a peça *Cegonha, avião, mentira não*, de Yves Vrendrene, que foi adaptada e montada no Brasil por Joaquim Goulart e que normalmente circula em escolas, clubes e teatros. Nela, duas crianças tentam ir além do mito da cegonha em suas explicações sobre a origem.

Há muitas outras obras interessantes. A intenção aqui é apenas mostrar como o tema pode ser tratado por meio da leitura e da fruição artística, permitindo às crianças mais autonomia e liberdade para que suas curiosidades, em vez de satisfeitas pronta e pragmaticamente, se tornem objeto de pesquisa e de busca de mais conhecimento sobre si, o outro e o mundo.

Como diz Freud, “a curiosidade da criança nunca atingirá uma intensidade exagerada se for adequadamente satisfeita a cada etapa de sua aprendizagem”. Com um bom programa de leitura, por certo nossas crianças não ficariam eternamente esperando pelas respostas dos adultos como ocorreu a uma de suas pacientes (*ver quadro 2*).

Nas séries finais do ensino fundamental I, quando os alunos têm cerca de 9, 10 anos, é muito importante expandir a curiosidade deles rumo à fecundação e à reprodução dos outros animais. Experiência realizada com uma classe de quarta série demonstrou

**CRIANÇAS** de 4 ou 5 anos têm grande interesse pelo próprio sexo e o dos outros, pessoas ou animais; curiosidade que passa pelo olhar e busca firmar a sexualidade



### QUESTÃO DE GÊNERO?

#### *História da ciência pode servir de apoio à educação sexual*

É verdade que os meninos se dão melhor em matemática e ciências e as meninas, em leitura? Se essa diferença existe, tem ela fundamento genético, psíquico, ou é um desdobramento histórico? Aqui, matemática, história e filosofia podem se juntar para buscar a resposta. Vejamos algumas perguntas interessantes cuja resposta é possível encontrar em pesquisas nos livros e na internet: por que as academias de ciências proibiam a participação de mulheres? Por que a matemática francesa Sophie Germain (1776-1831), que tantas contribuições trouxe às teorias dos números e da elasticidade, precisou se vestir como homem e adotar um pseudônimo masculino para figurar como estudante da Escola Politécnica de Paris? Outras personagens femininas de destaque nas ciências exatas podem servir de ponto de partida para trabalhar as questões de gênero, o imaginário em torno dos sexos e os papéis intelectuais e sociais de homens e mulheres ao longo da história.



**MATEMÁTICA:** trajetória de mulheres na área pode suscitar interessante debate sobre diferenças sexuais



**CONTOS DE FADA,** como o do Chapeuzinho Vermelho (abaixo), exploram fantasias sexuais infantis e são bons instrumentos para se abordar o tema com as crianças

que um programa que permita aos alunos escolher que animais cada um pretende pesquisar gera na turma uma interessante euforia, cuja origem nada mais é que a dissipação do excesso de fantasias que a curiosidade sexual gerou no passado.

Outro elemento curricular importante e geralmente menosprezado nessa fase – talvez porque figure

como algo distante da sexualidade – é a retomada dos contos de fada pela via da desconstrução, dado que eles encenam uma série de fantasias fundamentais, como as dos príncipes e princesas, dos mitos de devoração, de onipotência etc. Nas aulas de produção de texto, por exemplo, o professor pode franquear aos alunos a possibilidade de parodiar esses contos de tal modo que cada um possa se livrar de suas cargas moralizantes e se abrir para outros textos mais condizentes com a entrada na puberdade.

#### **MAQUINARIA DE CONSUMO**

O filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955) afirma que a puberdade está essencialmente voltada para o mítico. Talvez agora o problema da origem se encontre ainda mais ampliado; a sexualidade passa a pulsar no universo inteiro a tal ponto que a cultura do Outro, mesmo a mais distante, com seus mais extravagantes mitos, é aceita como substrato para as elaborações típicas da fase. Ao mesmo tempo, os efeitos da sexualidade na mídia e no cotidiano se fazem sentir de forma mais impactante. Desde muito cedo, os adolescentes são convidados a centrar suas atenções em produtos do mercado, tais como cigarros, bebidas, roupas, cosméticos, chicletes etc., sempre recobertos por um erotismo vulgarizante, muitas vezes grosseiro, cujo objetivo é deslocar as energias sexuais para o imediatismo do consumo – algo que

predispõe o jovem a não pensar sobre si e sobre o outro e a gastar suas energias sexuais de modo igualmente imediatista.

Nesse momento, torna-se mais importante ainda entrecruzar as explicações científicas (transformações corporais, dissecações dos aparelhos reprodutores masculino e feminino e suas diferenças), as campanhas contra as DSTs e os alertas de prevenção com a intensa circulação discursiva e ideológica que pesa sobre a sexualidade humana. Em cada disciplina há sempre um conteúdo importante que expande as curiosidades e pode funcionar como bom recurso defensivo diante da maquinaria de consumo – e os alunos precisam perceber isso desde cedo, já aos 10 anos.

Há pesquisas e leituras interessantes para alunos dos ensinos fundamental II e médio, que configuram matéria suficiente para ampla intertextualidade sobre o sexo. Bons exemplos nos campos da biologia e das ciências são os livros *O que é vida?* e *O que é sexo?*, de Lynn Margulis e Dorion Sagan. Trata-se de incríveis fontes de pesquisa, pois sexualidade e vida, na visão das autoras, são temas abrangentes (que envolvem biologia, física, filosofia, poesia, antropologia). Apresentando vertiginosas alegorias, eles dão muito em que pensar, indo ao encontro da curiosidade adolescente – por exemplo, a imagem do “universo no cio” e o mito de Aristófanes, presentes no livro *O banquete*, de Platão, no qual uma bizarra criatura, que gozava de perfeita completude, é dividida ao meio e passa a viver na eterna dependência do reencontro com o outro.

A leitura de *O livro dos amores*, de Henri Gougaud, dá um panorama interessante e bem-humorado de como os mais diversos povos de todos os continentes criaram seus mitos sobre a sexualidade (origens do mundo, do homem e da mulher, das diferenças entre as genitálias e muitos outros).

A literatura erótica mundial também fornece textos expressivos sobre a sexualidade humana. Eles tendem a ser conhecidos como “de gaveta”, porque, em geral, passam muitos anos sem publica-



**MITOS** agradam aos jovens. É o caso de Lilith (ao lado, por John Collier, 1892), primeira mulher de Adão, que se recusou a ficar por debaixo dele durante o ato sexual

ção ou em circulações apócrifas (sem indicação de autoria) em decorrência de proibições ou mesmo por descasos moralistas. Até hoje nossos livros didáticos de literatura não trazem quase nada das literaturas fesceninas (obscenas, licenciosas) e eróticas de Bocage, Gregório de Matos, Bernardo Guimarães (o ingênuo autor de *A escrava Isaura* também escreveu os poemas “Elixir do pajé”, “A origem do mênstruo” e muitos outros igualmente fesceninos). Poderíamos incluir na lista, ainda, a obra *Poesia erótica*, seleção e tradução de José Paulo Paes, que traz poemas eróticos de diversos povos e épocas.

Outro exemplo que faz a sexualidade desaguar em um respeitável campo de conhecimento é a obra *Dicionário de termos eróticos e afins*, de Horácio de Almeida, que tem uma curiosa origem, conforme explica o próprio autor: “Este livro nasceu de uma conversa no Sabadoyle. Entende-se por Sabadoyle a tradicional reunião que um grupo de intelectuais realiza aos sábados nos salões da biblioteca de Plínio Doyle”. Como pai da idéia e fervoroso colaborador, o autor aponta nosso anjo torto de Itabira, Carlos Drummond de Andrade.

Se esse seletto e respeitável grupo de intelectuais do Sabadoyle teve a preocupação de elaborar um dicionário de termos eróticos, por que nossos educadores não se atrevem a pôr a sexualidade como tema relevante no currículo escolar?



**O AUTOR CLAUDEMIR BELINTANE** é lingüista, educador e professor de graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

#### PARA CONHECER MAIS

##### Sobre as teorias sexuais das crianças.

S. Freud, em *Obras completas*, Imago, 1972, vol. 9.

**Mamãe botou um ovo.** B. Cole. Ática, 1996.

**O livro dos amores.** H. Gougaud. Martins Fontes, 2001.

**O que é sexo?** L. Margulis e D. Sagan. Jorge Zahar, 2002.